



Eixo: Classes sociais, geração e Serviço Social.

Sub-eixo: Envelhecimento.

VELHICES, HETEROGENEIDADE E CLASSES SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL

JOICE SOUSA COSTA¹
CRISTIANE DE FÁTIMA POLTRONIEIRI²
DENISE GISELE SILVA COSTA³

Resumo: O manuscrito objetiva discutir a produção do conhecimento do Serviço Social, nos Anais dos ENPESS 2014 e 2016, em relação à compreensão das velhices, assentada sob a centralidade do determinante das classes sociais. Logo, sob o olhar da Teoria Social Crítica de Marx, debate-se sobre a heterogeneidade das velhices circunscritas à ordem capitalista e sobre as produções científicas do Serviço Social. Destarte, alude-se a necessidade de aprofundar o debate de classes sociais no âmbito do tema das velhices, visto que, esse aspecto determina o envelhecer das frações de classe trabalhadora, bem como, o acesso aos seus direitos socialmente conquistados.

Palavras-chave: velhices; classes sociais; produção; Serviço Social.

Abstract: The manuscript aims to discuss the production of Social Service knowledge, in the Annals of ENPESS 2014 and 2016, in relation to the understanding of the heterogeneity of old age, based on the centrality of the determinant of social classes. Thus, under the watchful eye of Marx's Critical Social Theory, he discusses the heterogeneity of the old age circumscribed to the capitalist order and the scientific productions of Social Service. Thus, it was mentioned the need to deepen the debate of social classes in the scope of the subject of old age, since this aspect determines the aging of fractions of the working class, as well as the access to their rights socially conquered.

Keywords: old age; Social classes; production; Social service.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco discutir a produção do conhecimento do Serviço Social, nos Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) dos anos de 2014 e 2016, em relação à compreensão da heterogeneidade das velhices, assentada sob a centralidade do determinante de classes sociais. Para tanto, constitui esforço em debater,

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual Paulista. E-mail: <joicecostasousa@gmail.com>

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual Paulista.

³ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual Paulista.

brevemente, a heterogeneidade das velhices atrelada à concepção da Teoria Social Crítica de Marx, bem como a produção científica do Serviço Social sob o olhar de classes sociais.

Para sustentar a discussão proposta, foi eleito o método do materialismo histórico-dialético abordado por Marx, que versa sobre a análise crítica e contextualizada da realidade, enquanto um complexo dinâmico e contraditório. Os procedimentos metodológicos deste trabalho estão pautados na pesquisa bibliográfica e documental, no qual foram realizadas leituras de obras pertinentes no que concerne sobre velhice e envelhecimento humano relacionados à sociedade capitalista, bem como, artigos e livros que debruçam sobre o assunto de classes sociais. A fonte de dados e informações referentes à pesquisa documental ficou delimitada com base na produção apresentada nos Anais dos ENPESS de 2014 e 2016.

Em síntese, o manuscrito se divide em três discussões. No primeiro momento, são tecidas algumas reflexões sobre a heterogeneidade do processo de envelhecimento e das velhices condicionados pela interseção de classes sociais, sob o viés da concepção da Teoria Social Crítica. Na sequência, suscitam-se breves considerações sobre as produções do conhecimento do Serviço Social, publicadas nos Anais dos ENPESS, em relação ao entendimento da heterogeneidade das velhices e classes sociais.

I. VELHICES E A CONSTRUÇÃO DAS CONCEPÇÕES À LUZ DA TEORIA SOCIAL CRÍTICA DE MARX

O processo de envelhecimento das populações, nos últimos tempos, via de regra notado em escala mundial, assumiu condição de fenômeno e marco histórico, no qual passou a exigir novas compreensões por parte da sociedade

civil e do poder público, no sentido de repensar as velhices, sob o olhar das classes sociais⁴.

Ressalta-se que as velhices das populações se consolidam como fenômeno na realidade social de alguns países do mundo⁵, pois se sabe que, na sociedade capitalista e, principalmente, de capitalismo periférico e dependente⁶ como o Brasil, o processo de envelhecimento padece por precariedades.

A desigualdade social demarca o processo de envelhecimento de muitos, se não todos, sujeitos sociais da classe operária, no qual protagonizam a situação de não terem oportunidade e acesso para a realização das suas necessidades básicas objetivas e subjetivas (CAMPELO E PAIVA, 2014, p.27).

A título de ilustração demográfica, dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) evidenciam que a população brasileira está envelhecendo em ritmo acelerado, já que as projeções indicam um progressivo envelhecimento populacional, pois quando se dispõe a analisar o grupo populacional como um todo, identifica-se que do ano de 2015 a 2025 — considerando que população esteja em processo de crescimento estável — o grupo idoso será significativo: passando de 5.798.774 no ano de 2015 para 8.701.189 em 2025 (IBGE, 2013). Entretanto, devem-se transcender os dados demográficos para que esse grupo populacional não seja entendido como uma “[...] coisa, descaracterizado, fragmentado, visto independentemente das suas condições objetivas de existência” (HADDAD, 2016, p.91).

⁴ Classes sociais são coletivos que se constituem, a partir da transformação do mundo do trabalho, em posições que ocupam nas relações de produção, no qual acaba por dividir a sociedade em duas partes distintas e antagônicas: a classe dominante e a classe dominada. Assim, para um estudo mais aprofundado sobre o assunto, indica-se a obra de Sérgio Lessa e Ivo Tonet, “Proletariado e Sujeito Revolucionário”.

⁵ Lembremo-nos que, de acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): na Nigéria no continente africano, a população idosa com 65 anos ou mais não ultrapassa 0,5 da população, sendo que a idade média da população é de 15 anos. Enquanto que no país com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito elevado, como a Alemanha, a população idosa chega a 17,5 do total da população, e a idade mediana da população é de 46,3 anos

⁶ Os termos se referem à peculiaridade histórica do modo de produção capitalista na sociedade brasileira, tendo em vista que se caracteriza pela submissão cega aos ditames internacionais e os organismos multilaterais, bem como o trabalho informal e precarizado, a exarcebação da apropriação privada da mais-valia, que resulta em uma alta concentração de renda, e as políticas sociais influenciadas pelo ideário neoliberal que se tornam superfocalizadas, restritivas e residuais, sendo executadas em um *mix* entre a esfera pública e privada, sob o rol do desmonte dos direitos sociais. (TEIXEIRA, 2017).

Desse modo, indaga-se: como refletir sobre as particularidades dos sujeitos sociais nesse contexto imerso na contradição de classes? Quais os reflexos desse modo de produção na construção das populações que envelhecem no tecido do capital? E os determinantes sociais das velhices? Logo, propõe-se a pensar sobre as velhices nessa conjuntura social marcada pelo inerente embate entre capital e trabalho.

A priori, apresenta-se a premissa de que o envelhecimento, processo biopsicossocial que se dá ao longo da vida, não ocorre de maneira semelhante entre os sujeitos sociais. Ao passo que a velhice, fase da vida demarcada cronologicamente e socialmente, é muito mais que uma determinação biológica, ela é reflexo de condicionantes sociais e culturais que afetaram o sujeito durante todo o ciclo de vida humana (BEAUVOIR, 1990).

A partir da consideração supracitada, em que os determinantes biológicos, psicológicos e sociais condicionam a maneira de envelhecer na sociabilidade capitalista, e defende-se que há múltiplas velhices. Logo, Beauvoir (1990, p. 15) ressalta as diversas faceta das velhices:

Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como características da idade avançada. Como todas as situações humanas ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence.

Nas considerações sobre as velhices e, conseguinte, processo de envelhecimento humano, torna-se possível constatar que, na ordem do capital, esse fenômeno está longe de ser um dado natural e imutável, como afirma Campelo e Paiva (2014, p. 142) “[...] o envelhecimento humano não se limita aos aspectos biológicos, sendo também um processo cultural, devendo, portanto, ser apreendido no movimento histórico das relações de produção e reprodução social”.

De acordo com Campelo e Paiva (2014, p. 37), o envelhecimento, condicionado pela inserção nos segmentos e classes sociais, e os velhos trabalhadores que experimentam a necessidade de vender sua força de trabalho para sobreviver, no qual traduz o sistema que subordina as qualidades e necessidades humanas à tirania do trabalho gerador de mais-valia. Assim, compreender-se que o envelhecimento humano, enquanto processo das relações de produção e reprodução da vida social, impacta na forma como as pessoas irão vivenciar a velhice, a partir da sua inserção nas classes sociais.

Segundo Beauvoir (1990, p. 17), “[...] tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice”, desde modo, a autora divide o segmento de pessoas idosas em duas categorias – uma extremamente ampla, e a outra reduzida a uma minoria – originada pela objeção entre explorados e exploradores⁷.

Generalizar para a velhice o que pode ser vivido por apenas uma minoria de velhos é avançar o ‘sinal vermelho’ do semáforo da ciência. Não levando em conta as condições objetivas de trabalho na sociedade capitalista, suas representações fazem parte do mundo da pseudoconcreticidade (HADDAD, 2016, p. 77).

Do ponto de vista do envelhecimento das frações de classe trabalhadora, categoria dos explorados, esse processo se metamorfoseia em uma expressão latente da questão social, diferenciando velhice de pobres e ricos, pois “[...] é na última idade que se cava mais profundamente o fosso entre esses últimos e a imensa maioria dos homens” (BEAUVOIR, 1990, p. 662).

Logo, afirma-se que a dimensão heterogênea do envelhecimento humano se apresenta através do caráter de classes sociais. Classes entendida além do relacionamento entre grupos, mas sua coexistência no interior da estrutura social (YAZBEK, 2009).

⁷ Concorde-se com o pensamento de Mészáros (2002, p. 44) quando afirma que “[...] a posição de classe de qualquer grupo diferentes de pessoas é definida por sua localização no comando da estrutura de capital e não por características sociológicas secundárias, como o estilo de vida”.

Deste modo, a velhice, enquanto categoria teórica, circunscrita na visão da Teoria Crítica, deve ser considerada a partir dos fatores de classes, raça, etnia e gênero, pois, entende-se que são determinantes que refletem no modo de vida da população que envelhece. Em síntese, sabe-se que o envelhecimento é um processo heterogêneo, desigual, permeado por variados condicionantes.

Nesta perspectiva, o envelhecimento humano deve ser analisado justaposto ao modo como a força de trabalho é expropriada e explorada do trabalhador na ordem do capital, desta maneira, a classe que vive do trabalho se depara com “[...] desigualdade, vulnerabilidade social em massa, degradação, desvalorização e pseudovalorização, [...] especialmente com o avanço da idade cronológica, com o desgaste da força de trabalho.” (TEIXEIRA, 2008, p. 23).

Desse modo, sabe-se que a heterogeneidade da população longeva não se deve apenas pela diferença da composição etária e sim das diferentes trajetórias de vida e, principalmente, da inserção social e econômica. (CAMARANO, 2006, p. 2).

Em uma sociedade marcada pelo conflito entre capital e trabalho, é inviável pensar que o curso de vida dos sujeitos sociais se constrói de maneira homogênea. A exploração da força de trabalho (força motriz do sistema capitalista) reflete na forma precária do processo de envelhecimento das frações de classe trabalhadora. Nessa visão, o envelhecer nessa sociedade carrega:

[...] uma depreciação social que atinge toda a classe trabalhadora alienada e submetida às forças cegas da produção, reduzida a ‘força material de produção’, um objeto, destituído de qualidades e necessidades, principalmente quando envelhecida, exacerbando as experiências negativas com o tempo, pela impossibilidade de controlá-lo, já que é expropriado pelos capitalistas. (TEIXEIRA, 2017, p. 35).

Ser e estar velho para a sociabilidade do capital desencadeia, pelo menos em tese, uma lógica da não-produção e, em um movimento contraditório, desenvolve-se uma lacuna que torna o sujeito envelhecido mais

suscetível à exploração, em suas variadas facetas: na “volta” ao mercado, como força de trabalho esporádica, na execução dos serviços de ordem doméstica, na esfera da reprodução das forças de trabalho, no fetichismo e reificação dos velhos trabalhadores, na individualização e culpabilização dos indivíduos pela sua condição social na velhice.

Assim, nota-se que a ordem da reprodução do sistema do capital, nega a trama da tragédia vivenciada pelo envelhecimento e velhices dos trabalhadores como resultado do modo de apropriação e exploração da força de trabalho, o que acaba por produzir no discurso burguês a culpabilização do velho pela sua “má sorte” (CAMPELO E PAIVA, 2014, p. 133).

Ademais na ordem do capital:

Um dos aspectos mais degradantes da ordem social do capital é que reduz os seres humanos à condição reificada, a fim de adequá-los aos estreitos limites da *contabilidade do tempo* do sistema: o único gênero de contabilidade – extremamente desumanizadora – compatível com a ordem social do capital. (MÉSZAROS, 2007, p. 42, grifo do autor).

Essa breve reflexão se funda no pensamento de Mézàros (2007, p. 25, grifos do autor), ao referir que “A única modalidade de tempo em que o capital pode se interessar é o tempo de *trabalho explorável*”. Esse fetichismo⁸ da mercadoria incide sobre as frações de classe trabalhadora envelhecidas na forma de ocultação de sua história.

De acordo com Teixeira (2008, p. 24), o tempo de vida do trabalhador é transformado, principalmente para os envelhecem na periferia da sociabilidade capitalista, em tempo de labor para a valorização do capital e desvalorização das necessidades humanas de sobrevivência.

Desta forma, compreende-se que “Indivíduo nenhum e nenhuma forma concebível de sociedade hoje ou no futuro podem evitar as determinações objetivas e o correspondente fardo do tempo histórico” (MÉSZAROS, 2007, p. 33). Portanto, concluí-se que o resultado das condições objetivas de vida da

⁸Entendemos que “[...] o conceito de ‘fetichismo’ pretende justamente explicar como todo esse sistema se torna independente do controle humano, enquanto nos tornamos cada vez mais dependentes dele” (GRESPLAN, 2015, p. 149).

classe trabalhadora é o que compõe a tragédia do envelhecimento (CAMPELO E PAIVA, 2014, p. 52).

Sob essa perspectiva, vimos como pertinente analisar as produções científicas na área do Serviço social, tendo em vista que, no cotidiano profissional trabalha-se diretamente com as expressões da Questão Social, podendo estas ter articulações diretas com o processo de envelhecimento e velhices das frações de classe trabalhadora.

II. METODOLOGIA DA APREENSÃO DE DADOS DA DIMENSÃO DOCUMENTAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

O processo de investigação do presente manuscrito foi guiado pela concepção do método do materialismo histórico-dialético abordada por Marx, que versa sobre a análise crítica e contraditória da realidade, construindo um conhecimento do concreto abstrato. Segundo Trivinõs (2011, p.51) o materialismo histórico dialético “[...] é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social entre os homens, no desenvolvimento da humanidade”.

Para a apreensão das fontes de dados, delimitada pela produção dos dois últimos Anais do “Encontro Nacional dos Pesquisadores em Serviço social” (ENPESS) referentes aos anos de 2014 e 2016, realizou-se a leitura de todos os artigos que versavam sobre o processo de envelhecimento e velhice. Logo, após, iniciou-se o processo de organização dos artigos científicos em categorias, que se expressaram nas seguintes grandes áreas: Velhices e trabalho profissional do assistente social; O processo de envelhecimento e trabalho; Velhices, direitos e políticas sociais; O envelhecer e as expressões da questão social (violações de direitos, disparidades de gênero, raça, etnia, geração e sexualidade) e Velhices, participação e mobilizações políticas.

Destaca-se que não se optou pela busca das palavras-chave, pois se compreendeu que elas poderiam comprometer a análise dos trabalhos, já que

há uma variedade de termos para se referir à velhice. Outro ponto que poderia afetar a análise documental foi que os autores dos trabalhos poderiam discutir, mesmo que indiretamente, o determinante de classes sociais em detrimento do processo de envelhecimento e velhices.

Ao considerar os parâmetros citados, buscou-se encontrar, na produção do conhecimento do Serviço Social, fundamentos indicativos da racionalidade que rompem com a perspectiva do capital, no trato das questões impostas no entendimento da velhice da classe trabalhadora.

Portanto, para apreender a racionalidade dos artigos pesquisados de modo entender o, processo de envelhecimento e a heterogeneidade das velhices através da perspectiva de classes e as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, apropriou-se da contribuição teórica dos seguintes autores: Beauvoir (1990), Haddad (2016), Teixeira (2008, 2017) e Campelo e Paiva (2014).

III. AS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO CRÍTICO EM SERVIÇO SOCIAL: VELHICES E A CLASSES SOCIAIS

A partir da análise dos trabalhos submetidos aos XIV e XV “Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social”, pode-se traçar, mesmo que brevemente, um perfil das produções científicas do Serviço Social em relação ao processo de envelhecimento e velhice.

Desse modo, apresentam-se as discussões e os resultados, em forma de tabela, mediante o agrupamento dos dados documentais em cinco grandes áreas: Velhices e trabalho profissional do assistente social; O processo de envelhecimento e trabalho; Velhices, direitos e políticas sociais; O envelhecer e as expressões da questão social (violações de direitos, disparidades de gênero, raça, etnia, geração e sexualidade) e Velhices, participação e mobilizações políticas.

Em seguida, demonstra-se a articulação da produção crítica do Serviço Social e velhices, tendo como parâmetro a menção e/ou análise do envelhecer entendido sob a centralidade de classes sociais.

Sob esse prisma, analisou-se o total de 1.098 artigos apresentados no XIV ENPESS referente ao ano de 2014. Dentro deste universo, apenas 29 artigos, ou seja, 2,64% abordaram a temática do processo de envelhecimento e velhice, dado que evidencia a produção científica incipiente no âmbito do Serviço Social e envelhecimento, embora, já discutido que o processo de envelhecimento demográfico se constitui uma tendência quase que mundializada e possui repercussões no trato da economia política na sociabilidade do capital.

No XV ENPESS, que ocorreu no ano de 2016, observou-se o total de 917 artigos científicos que foram apresentados em formato de pôster e comunicações orais, dos quais somente 24 trabalhos se relacionavam com o tema do envelhecer, isto é, somente 2,61%.

Este dado real reitera a necessidade de aprofundamento teórico e a sistematização do cotidiano do trabalho profissional dos assistentes sociais no trato para com o processo de envelhecimento e velhice, haja vista que o segmento idoso tende a crescer significativamente nessa sociedade marcada pela exploração da força de trabalho e, certamente, continuará apresentando as expressões da questão social junto às suas velhices. Outro ponto é que a construção de um olhar crítico sobre o envelhecimento das frações de classe trabalhadora é uma necessidade profissional, pois se notou que essa demanda não está articulada com visão dos movimentos e dinâmicas da realidade, o que ocasionou o baixo percentual de produção nessa área.

Em relação à categorização dos dados, — nesta investigação entendido ao âmbito da mera organização em categorias — pôde-se notar que houve modificações em relação às temáticas, como indicam as tabelas seguintes.

Tabela 1. Categorização temática referente ao ENPESS XIV – 2014

Grandes temas	Relação numérica
---------------	------------------

	dos artigos
Velhices e trabalho profissional do assistente social	02
O processo de envelhecimento e trabalho	01
Velhices, direitos e políticas sociais.	05
O envelhecer e as expressões da Questão social (violações de direitos, disparidades de gênero, raça, etnia, geração e sexualidade)	21
Velhices, participação e mobilizações políticas.	00
Total de artigos	29

Fonte: COSTA, COSTA, POLTRONIEIRI, 2018.

Tabela 2. Categorização temática referente ao ENPESS XV – 2016

Grandes temas	Relação numérica dos artigos
Velhices e trabalho profissional do assistente social	02
O processo de envelhecimento e trabalho	00
Velhices, direitos e políticas sociais.	11
O envelhecer e as expressões da Questão social (violações de direitos, disparidades de gênero, raça, etnia, geração e sexualidade)	06
Velhices, participação e mobilizações políticas.	05
Total de artigos	24

Fonte: COSTA, COSTA, POLTRONIEIRI, 2018.

Nota-se que houve uma inversão nas reflexões profissionais, ao passo de que, no XIV ENPESS, a temática referente ao “O envelhecer e as expressões da questão social (violações de direitos, disparidades de gênero, raça, etnia, geração e sexualidade)”, continha 21 trabalhos, e destes, 14 artigos, ou seja, 66% abordam a temática a partir de uma perspectiva de classes sociais, evidenciando, assim, uma postura crítica na construção do conhecimento científico dentro da temática.

Já no ano XV ENPRESS, a área supracitada apresentou uma queda na produção, contando com 06 trabalhos, dos quais, somente um trabalho não mencionou a centralidade da luta de classes no processo de envelhecimento e velhice. Esses dados reafirmam o posicionamento crítico profissional nesse âmbito temático.

O destaque fica no crescimento da produção teórica no campo das “Velhices, direitos e políticas sociais”, tendo em vista que houve o acréscimo de

06 trabalhos em comparação dos XIV e XV ENPESS. Outro ponto que cabe ressaltar no XIV ENPESS é que apenas um trabalho foi abordado sob a perspectiva de classes sociais, enquanto que no XV ENPESS, 7 trabalhos discutiram a centralidade da luta de classes, compondo 63,3% do universo, indicando aqui, uma evolução do processo de entender a conquista dos direitos sociais sem a desvinculação com a luta classes, ponto central dessa sociabilidade.

Mostra-se como relevante, o indicador de incremento na construção de conhecimentos científicos no âmbito da grande área temática “Velhices, participação e mobilizações políticas”, pois houve a publicização de 05 artigos, dos quais, somente dois versam sobre as velhices na perspectiva de classe, fato preocupante, pois remete ainda a produção de um conhecimento meramente descritivo e superficial sobre esse aspecto social e político do envelhecer.

Cabe enfatizar também, a necessidade de aprofundamento da dimensão investigativa do trabalho profissional do assistente social, já que, a produção ainda é restrita, compondo no máximo de 2 trabalhos. Além disso, os dados indicaram que no XIV ENPESS, a metade dos trabalhos abordou as precariedades do processo de envelhecimento e as relações de classe social, enquanto que no XV ENPESS nenhum dos 2 trabalhos submetidos abordaram a perspectiva de classe social.

Logo, os dados indicam a construção de uma produção crítica sobre o processo de envelhecimento e velhice, pois no XIV ENPESS teve-se uma porcentagem de 58,6% dos trabalhos apontando para a problemática de classe social, ao passo que no XV ENPESS, o número foi de 54,1% dos artigos. Portanto, observa-se que a categoria profissional do Serviço Social está construindo as mediações das velhices sob a perspectiva da centralidade de classe, indo de encontro à materialização das direções do Projeto Ético-Político Profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de realizar breves considerações teóricas sobre o processo de envelhecimento e velhice no tempo e espaço da sociabilidade capitalista, pode-se aferir que há uma duplicidade antagônica na compreensão dessa fase da vida: por um lado há disseminação e consolidação das velhices dos velhos trabalhadores enquanto sinônimo da improdutividade e inutilidade, dado que provoca a qualificação do seu tempo de vida atrelado ao seu tempo de trabalho “produtivo” nessa sociedade marcada pelo embate entre capital e trabalho. E simultaneamente há um processo de introjeção da ideologia de velhices que homogeneíza esse segmento populacional, transformando — ao menos que teoricamente — a luta de classes em um aspecto “invisível” para analisar o processo de envelhecimento humano.

De modo que, considera-se que o paradigma proposto aos velhos, na sociabilidade do capital, de como a velhice que deve ser vivida, está longe de ser concretizada, visto que as contradições das classes sociais expressam a realidade das velhices que pode ser vividas, dado as condições objetivas de vida dessa classe que vive sob a exploração capitalista, como bem nos recorda Haddad (2016).

Em relação à revisão de literatura, notou-se que há pouca produção do Serviço Social, se comparado à totalidade dos trabalhos do XIV e XV ENPESS, que abordaram o processo de envelhecimento humano e velhice, no entanto, não se pode negar a contribuições dos estudos publicizados, que incluem reflexões e ensaios bibliográficos, bem como sistematizações e relatos de investigações do trabalho profissional cotidiano e também narrativas oriundas da academia.

Contudo, destaca-se o crescimento, ainda que incipiente, da reflexão sobre as velhices sob os determinantes de classes e das determinações da sociabilidade capitalista. Perante o cenário da ampliação das discussões respaldadas na perspectiva crítica da realidade, espera-se que nas próximas edições dos Anais do ENPESS essa realidade se fortaleça e ganhe maior

destaque de publicações, principalmente em tempos tão sombrios de ataques veementes aos direitos sociais diante do avanço do neoconservadorismo.

Logo, afirma-se que a construção do conhecimento da velhice dos velhos trabalhadores sob o viés da teoria social crítica de Marx é um desafio, e uma possibilidade histórica necessária, em especial na defesa do projeto ético político profissional e dos princípios éticos que norteiam o trabalho profissional e as construções científicas dos assistentes sociais.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAMARANO, A. A. **Mecanismos de proteção social para população idosa brasileira**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CAMPELO E PAIVA, S. de O. **Envelhecimento saúde e trabalho no tempo do capital**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GRESPLAN, J. Crítica da economia política, por Karl Marx. In: PAULO NETTO (Org.) **Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

HADDAD, E. G. de M. **A ideologia da velhice**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm > Acesso em 02 de jan. de 2018

LESSA, S.; TONET, I. **Proletariado e sujeito revolucionário**. 1.ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Ed. Da Unicamp/Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. Ana Coutrim e Vera Coutrim Trad. São Paulo: Boitempo, 2007.

TEIXEIRA, S M. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista. In: TEIXEIRA, S. M. (Org.) **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel social, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

YAZBEK, M. C. **Classes subalternas e assistência social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.